

**7º Simpósio de Ensino de Graduação****ANÁLISE E INTERVENÇÃO FRENTE A UMA QUEIXA ESCOLAR****Autor(es)**

ALEXANDRE CECONELLO MARINHO

Co-Autor(es)

CARLOS EDUARDO CASIMIRO
VALQUIRIA DOS SANTOS FERREIRA LIMA
JULIANA RAQUEL SANDALO
KAREN LARISSA PEREIRA
TALITA SOUZA
CARLA LIBARDI**Orientador(es)**

MARIA TERESA DAL POGETTO

1. Introdução

Este trabalho acadêmico foi elaborado na disciplina 'Psicologia e Educação IV', do curso de Psicologia, da Universidade Metodista de Piracicaba – UNIMEP, com caráter educativo e que propiciou aos alunos um contato inicial com a prática, embasado por pressupostos teóricos acerca da educação e do desenvolvimento.

O trabalho teve duração de um semestre, de agosto a dezembro de 2008, e contou com observações e encontros com o sujeito analisado, bem como entrevistas com a professora e a genitora do aluno apresentado como “problema” pela instituição de ensino.

Para entendermos a origem de tal trabalho precisamos, antes, entender o contexto que a educação está inserida hoje.

Segundo Machado (1997), cerca de apenas 27% das crianças brasileiras que iniciam a primeira série concluem o ensino fundamental. As crianças que vivenciam um processo de fracasso escolar são levadas pela escola aos profissionais de saúde com a chamada ‘queixa escolar’, com o intuito de que tais profissionais, principalmente o psicólogo, possam enquadrá-las em uma categoria. Formulações como falta, anormalidade, doença e outros enquadramentos são mitos trazidos pelas escolas, para justificarem o fracasso escolar. Muitos profissionais da saúde reforçam tal idéia, rotulando as crianças e recomendando, na maioria dos casos, atendimentos individuais a elas.

O fato de um aluno não ter sido bem sucedido no seu desenvolvimento acadêmico, não quer dizer que isto se refere a questões unicamente individuais, ou seja, não se deve responsabilizar somente o indivíduo pelo fracasso escolar. Como destaca a autora, o fracasso escolar não é natural ao indivíduo, mas um processo de caráter histórico, por isso é necessário que a rede de relações da criança seja observada e analisada. É preciso investigar a história escolar, o contexto familiar e social da criança e identificar a produção da mesma em diferentes situações. Dessa forma é possível encontrar uma gama de contingências presentes no fracasso escolar do indivíduo. Uma vez possuindo todas essas informações sobre a criança é necessário um encontro individual com ela para que seja pensada a questão da queixa, no sentido de buscar estratégias para superá-la. Nesses encontros a utilização de brincadeiras e jogos, além de estimular a criança, auxilia identificar o que ela sabe fazer sozinha e o que necessita de auxílio.

Nesta linha de pensamento, podemos tomar como base o conceito de Zona de Desenvolvimento Proximal (ZDP), elaborado por Vygotsky (1984), que estabelece dois níveis de desenvolvimento: o real e o potencial.

O Desenvolvimento Real é aquele já consolidado pelo indivíduo, ou seja, é até onde o sujeito consegue chegar e resolver um problema sozinho. É um nível dinâmico que aumenta de acordo com o processo de aprendizagem. O Desenvolvimento Potencial são aquelas habilidades já absorvidas pelo indivíduo, porém, que se encontra em processo de desenvolvimento, ou seja, são os problemas e situações que o indivíduo consegue resolver com a ajuda e orientação de outro indivíduo. Portanto foram geradas, através do nível de desenvolvimento real, habilidades que ainda se encontram em desenvolvimento, ou seja, em nível de desenvolvimento potencial, que o sujeito possui condições de construir e consolidar como real no futuro.

Como dito anteriormente, para Machado (1997), em uma situação de dispersão da criança em sala de aula faz-se necessário algumas indagações: “será que a aula está interessante?”; “como será a relação aluno-professor?”; “qual a história da criança?”; “qual a expectativa do professor?”; e etc. Porém, o cuidado deve ser redobrado, uma vez que a proposta é analisar as contingências como um todo e não, simplesmente, mudar o foco, encontrando outro responsável para a queixa e centralizando-a somente na história da criança, ou no professor, ou na aula, ou na família e assim por diante.

A queixa é produzida dentro uma história coletiva, portanto para avaliá-la é necessário buscar o quanto é possível alterar essa produção, afetando os fenômenos aos quais ela se viabiliza.

2. Objetivos

O presente trabalho visou identificar as situações-problema existentes na queixa escolar; constatar as dificuldades e os anseios do aluno diante da aprendizagem, refletindo sobre o significado do processo de ensino-aprendizagem utilizado nas situações-problema; compreender os elementos essenciais na relação professor-aluno; e identificar novos métodos de ensino para o desenvolvimento cognitivo da criança.

3. Desenvolvimento

A queixa é procedente de uma escola estadual, situada na cidade de Piracicaba, que conta com alunos de 1ª à 4ª série do ensino fundamental.

O sujeito do trabalho é um menino de sete anos de idade, estudante da 1ª série e que será referido neste trabalho por B. (nome fictício).

A queixa se refere a problemas de aprendizagem e de comportamento. O comportamento de B. é considerado agressivo; quando contrariado apresenta comportamentos de bater, cuspir em seus colegas e jogar seus materiais no chão. Também apresenta dificuldades em permanecer em seu lugar durante as aulas e respeitar limites que lhe são atribuídos.

Segundo a professora, pela sua idade (completou sete anos há pouco tempo), ele deveria ter sido matriculado na educação infantil, todavia, por motivo de proximidade com o trabalho a mãe não teria condições de levá-lo à outra escola.

Para a compreensão da queixa foram realizadas cinco observações de B., além de entrevistas com a mãe, e com a professora. As observações aconteceram em momentos diversos, como: aula de matemática, português, educação física e artística, sala de biblioteca e também durante o intervalo, com o intuito de possibilitar uma visão ampliada dos comportamentos de B. em diferentes momentos.

Em seguida os alunos desenvolveram três encontros individuais com B. na própria escola. Foram utilizadas atividades lúdicas, através de jogos pedagógicos como auxílio na avaliação do conhecimento que o aluno possuía acerca de disciplinas como Português e Matemática, bem como noções de tempo, espaço, limites e demonstração de sentimentos, sendo que, o objetivo principal de tais atividades constitui-se no reconhecimento do que B. consegue realizar com e sem auxílio de um mediador.

4. Resultado e Discussão

No primeiro encontro de B., tentamos identificar qual o nível de conhecimento que este possuía em disciplinas como Português e Matemática. Para a primeira, resolvemos aplicar uma atividade lúdica cujo objetivo era identificar se B. (nome fictício do aluno) conseguia relacionar as figuras de objetos, com suas letras iniciais e as palavras completas que as designavam. E para obtermos qual era o conhecimento do aluno acerca da Matemática, questionamos quantos pontos ele havia adquirido ao acertar a atividade lúdica previamente proposta. Pouco antes de encerrarmos o jogo, solicitamos ao aluno a tarefa de realizar um desenho com tema livre. Desse modo, podemos concluir que na primeira atividade, B. nos mostrou que possui capacidade de associação das palavras já formadas com suas respectivas figuras, todavia, o mesmo não domina o conhecimento específico de leitura. Constatamos que, com o intuito de acertar o jogo, B. identificava algumas letras do alfabeto nas palavras já montadas e as ligava aos desenhos.

No desenho livre B. apresenta-nos sua habilidade em fazer cópias, uma vez que ele reproduziu os desenhos feitos pelas discentes que realizaram as atividades junto ao aluno.

Em um segundo encontro, fizemos uso de um alfabeto móvel para realizarmos a atividade lúdica junto ao aluno. Pedimos para que

este montasse algumas palavras no alfabeto e depois as escrevesse em uma folha de papel. Nesta atividade, fora verificado que B. não conseguiu formar as palavras a ele solicitadas, uma vez que teve dificuldades em colocar as letras (consoantes e vogais) na ordem correta que possibilitava a formação das palavras, bem como na identificação de letras como “b”, “d”, “f”, “g”, “m”, “n”, “r”, “s”, “t”, “u” e “v”. O aluno não apresentou nenhum erro ao montar a palavra “Piracicaba”, sendo esta o único acerto que ele obtivera durante a atividade. B. também não identificou a diferença em palavras que mudavam apenas uma vogal como: “Guto” e “gato”; “bala” e “bola”. Teve dificuldade significativa em perceber que apenas as primeiras vogais dessas palavras as diferenciavam. Após cada erro emitido, em uma nova tentativa de acertar a palavra, B. apanhava qualquer letra sem nenhuma reflexão prévia acerca da palavra. Desse modo, foi possível concluir que o presente aluno escreve através de cópias, tendo em vista que a palavra “Piracicaba” é escrita diariamente no cabeçalho de seu caderno.

Na mesma data, em um segundo momento, realizamos outra atividade lúdica que consistia em apresentar ao aluno figuras com diferentes expressões faciais, para que este pudesse relacioná-las com sentimentos de alegria, tristeza, medo e fúria. O intuito deste exercício era identificar se o aluno conseguia reconhecer e relacionar as expressões com seus respectivos sentimentos, bem como associá-los com suas experiências cotidianas. Os resultados obtidos foram positivos, pois B. conseguiu relacionar as figuras e os sentimentos de maneira correta e estes com o seu cotidiano, evidenciando fatos de sua vivência intrafamiliar e social.

No último encontro e obtenção de dados sobre os conhecimentos acadêmicos do aluno, utilizamos o jogo da memória. Cada par de uma figura que B. acertasse, ele teria que escrevê-la em uma folha de papel. Tal atividade tinha como objetivo captar mais informações acerca do processo de aprendizagem do aluno, bem como proporcionar-lhe um momento agradável, uma vez que ele demonstrava gostar bastante desse tipo de jogo e esta seria a última atividade realizada junto a nosso grupo. Para auxiliá-lo, as observadoras escreveram, em uma folha sulfite, o alfabeto com letras coloridas, pois caso o aluno não soubesse qual letra utilizar, as discentes utilizariam deste recurso para melhor visualização e identificação das letras. Os resultados obtidos neste dia foram de extrema relevância para o presente relatório, uma vez que B. mostrou-se mais atento e reflexivo em relação às letras que utilizava para formar as palavras na folha, conforme solicitado. As dificuldades por ele apresentadas restringiram-se as letras “F”, “H”, “J”, “M”, “N”, “R”, “S”, “T”, “V” e “Z” especificamente. O aluno não conseguia distinguir as letras ‘t’, ‘z’ e ‘v’, pois não associava o som da letra junto às vogais que as reproduziam, ou seja, possuía a idéia de uma única letra. Outro dado relevante que foi demonstrado pelo aluno, foi a sua dificuldade frente às palavras que iniciam com “m” ou “n”, uma vez que não conseguia distinguir as letras. B. também não sabia como utilizar a letra “R” e as letras “LH”, pois as palavras que contém tais letras apresentam um maior grau de complexidade.

Não podemos deixar de levar em consideração o fato de que B. não frequentou a pré-escola e foi inserido na primeira série. Esta inserção prematura do aluno na primeira série foi devido ao fato da mãe de B. considerar o bairro no qual estava localizada a escola determinada pelo município como a futura escola aonde B. frequentaria a pré-escola, como sendo um bairro muito violento e desta forma optar pela matrícula de B. na atual escola.

Identificamos que B. memorizou o alfabeto de maneira ordenada, pois na última atividade, mesmo sem a exposição das letras “k”, “w” e “y”, o aluno as citou como se estivesse vendo na folha. O aluno reproduz muito bem as palavras em sua escrita, através de modelos e auxílios verbais, e foi possível a verificação de que o mesmo necessita constantemente de motivação para seu desenvolvimento no processo de aprendizagem. B. relatou às discentes que aprecia muito os jogos de memória e notando isso esta atividade fora utilizada enquanto um estímulo para sua aprendizagem.

Levando em consideração todos os dados coletados, avaliamos que B. encontra-se no nível de desenvolvimento potencial para a aquisição da leitura e escrita, precisando de mediações mais frequentes e planejadas para realizar as tarefas propostas pela professora, principalmente considerando que B. não frequentou a pré-escola e foi matriculado diretamente na primeira série por decisão da própria mãe.

Portanto, há necessidade de encontrar uma nova forma de apresentar as letras para B., sendo esta, uma tarefa que deve ser realizada pela instituição escolar, juntamente com a família. Um parente próximo e um integrante da instituição escolar, mais especificamente um professor, devam ser orientados para a realização das atividades junto à B.. É aconselhável que tais atividades sejam formuladas de forma lúdica, para que B. se sinta seguro em realizá-las.

A intervenção deu-se a partir de uma apresentação oral para os profissionais da instituição de ensino a fim de que com os resultados obtidos busquem novas alternativas na didática do processo de ensino/aprendizagem.

5. Considerações Finais

A partir das observações e encontros realizados com o aluno, da primeira série do ensino fundamental de uma escola estadual do município de Piracicaba, foi possível constatar o que vem acontecendo em muitas instituições de ensino. Os alunos considerados pela escola como sendo “alunos-problema”, podem não estar recebendo a devida atenção e auxílio por parte das escolas e do quadro de professores da instituição. Uma vez que se torna fácil colocar a responsabilidade da não aprendizagem por parte do aluno à fatores externos ao ambiente educacional, ou seja, na desestruturação familiar e na biologização do comportamento da criança, os membros pertencentes a este, se esquivam com frequência desta e a transfere de maneira rápida e sem a obtenção de dados relevantes para tal diagnóstico.

Foi possível observar e constatar a eficácia da prática de métodos que podem ser considerados como reforçadores para o processo de aprendizagem do aluno como, por exemplo, as atividades lúdicas realizadas através de desenho livre e jogo da memória. Infelizmente,

tais atividades não são utilizadas com muita frequência por parte dos professores, o que acarreta em uma dispersão por parte dos alunos em sala de aula, bem como na responsabilização dos mesmos frente ao fracasso escolar.

Referências Bibliográficas

MACHADO, A. M. (1997) Avaliação e fracasso: a produção coletiva da queixa escolar. In: Julio Aquino;. (Org.). Erro e Fracasso na escola: alternativas teóricas e práticas. São Paulo: Summus.

VYGOTSKY, L. S. (1984) Formação social da mente. São Paulo: Martins Fontes.